

PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA E EDUCAÇÃO INFANTIL: O lugar da escola na conscientização sobre sustentabilidade ambiental

Laura Moraes Mortari Corrêa (IC) e Rinaldo Molina (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

O presente texto apresenta os resultados de uma pesquisa que objetivou responder as seguintes perguntas: Como escolas de educação infantil trabalham com a temática sustentabilidade ambiental? Quais recursos utilizam a fim de introduzir e estimular aos seus alunos à conscientização em relação a sustentabilidade ambiental? E como esse método utilizado para trabalhar com essa temática é recebido pelas crianças? Para obter essas respostas foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas coordenadoras pedagógicas de duas escolas municipais de educação infantil (atende crianças entre 3 a 6 anos de idade) da cidade de São Paulo (EMEI). Os dados coletados foram organizados em temáticas e, após, realizada a análise sob o apoio teórico das ideias de L. Vygotsky. Nesse sentido, sete temáticas foram analisadas: 1) Influência do professor no desenvolvimento cognitivo da criança; 2) Escola e família da criança; 3) Importância de falar sobre sustentabilidade ambiental com crianças; 4) Estratégias de abordagem; 5) Mudanças na educação sustentável; 6) Compreensão das atividades pelas crianças e; 7) Críticas. Para concluir, entendemos que a educação para a sustentabilidade começa a fazer parte dos conteúdos presentes na educação infantil e, que o trabalho pedagógico deve ter por base mediadores que se relacionem com situações rotineiras da vida da criança para que, assim, ela possa assumir para si e difundir entre seus familiares, a partir de ações práticas do dia a dia como tomar banho ou escovar os dentes, ações sustentáveis.

Palavras-chave: sustentabilidade; educação infantil; Vygotsky;

ABSTRACT

The present article aims to work with the union of two themes, sustainability and education, in order to answer about the form and the efficiency in which the teach of environmental education and social awareness is given in municipal primary schools (EMEI) of São Paulo. On that way, the analysis is based, as a theoretical reference, on the ideas developed by Vygotsky about the internalization of concepts and human development; And from that ideas and a historical review involving the changes on the meaning of the words school, child and environmental sustainability, a field research is done with two EMEIs of São Paulo. During this part of the research an semi-structured interview is made with the pedagogical

coordinators of these schools, the data collected by the interviews were organized in thematic axes and compared to each other, leading us at a conclusion. It is noticed that the use of play in the teaching of children is a form of work in which the child usually accept, internalize and reproduce the contents that were transmitted through it, without defenses or any form of rejection. It was also concluded that the teaching and awareness of environmental sustainability can be summarized in the development of a sense of collectivity.

Keywords: Sustainability; Education; Vygotsky

INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta reflexões sobre a relação entre a prática educacional na educação infantil e uma das grandes preocupações sociais atuais: a sustentabilidade.

Hoje cada vez mais assistimos uma grande preocupação com os problemas ambientais, como o aquecimento global, a poluição de rios, o desmatamento, entre outros. Essa preocupação denuncia a urgência de uma tomada de atitude frente a esses, cada vez mais graves, problemas ambientais atuais e, tem colocado a temática sustentabilidade em diversos meios como a televisão, as revistas, o rádio, etc. a fim de alertar a importância e gravidade desses problemas para a sociedade como um todo.

Nesse sentido a escola, por seu papel social de formadora do sujeito social e consciente da importância de suas ações no meio social não deve se eximir de discutir a temática sustentabilidade ambiental, inserindo-a entre seus conteúdos obrigatórios..

A partir dessa preocupação com o meio ambiente, esse artigo pretende enveredar no âmbito educacional, buscando pensar a seguinte problemática de pesquisa: Como escolas de educação infantil trabalham com a temática sustentabilidade ambiental? Quais recursos utilizam a fim de introduzir e estimular aos seus alunos à conscientização em relação a sustentabilidade ambiental? E como esse método utilizado para trabalhar com essa temática é recebido pelas crianças?

Para a execução desse trabalho foi realizado um trabalho de campo em duas escolas municipais de educação infantil da cidade de São Paulo (EMEI), que atendem crianças entre 3 a 6 anos de idade. Nessas escolas foram feitas entrevistas semiestruturadas com as coordenadoras pedagógicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sustentabilidade como tendência

O termo sustentabilidade tem sido usado de forma cada vez mais recorrente. Tornou-se comum o seu uso em diversas mídias, como na televisão, em revistas, na *internet*, entre outras. Dessa maneira a palavra sustentabilidade se insere no repertório contemporâneo, passando a ganhar visibilidade em discussões acerca do futuro do planeta, planos de desenvolvimento e, também, em propagandas de novos produtos, empresas e serviços.

Porém, mesmo tendo se tornado uma palavra tão difundida, ela ainda parece não ser totalmente compreendida. Na prática muitas pessoas ainda utilizam o termo de maneira errônea e o tratam não como uma mudança de atitudes, mas simplesmente como um adjetivo desejável que agrega valor ao produto, serviço ou objeto.

Algo sustentável se define como tudo aquilo que pode se manter, se sustentar. Assim, o termo implica a utilização de estratégias e planejamentos na criação de ações em que seja possível “progredir” sem destruir. O termo difere do conceito de “preservação”, que apresenta a ideia de conservação, manutenção e de não alteração.

A palavra sustentabilidade geralmente está associada ao termo “meio ambiente”, sendo este definido não somente um espaço biológico, mas como: “um conjunto de componentes físicos, químicos, biológicos e sociais capazes de causar efeitos diretos ou indiretos, em um prazo curto ou longo, sobre os seres vivos e as atividades humanas” (Organização das Nações Unidas, 1972). Nesse sentido, o meio ambiente não envolve somente o meio físico-biológico, mas também a relação do homem com seu espaço geográfico, a esfera sociocultural.

Sustentabilidade e Psicologia

O meio ambiente se relaciona intrinsecamente às atitudes humanas. Os problemas ambientais são causa e efeito dessas ações. O gradual aumento da temperatura ambiental, as alterações climáticas, a extinção de espécies, assim como, por exemplo, o desenvolvimento de problemas respiratórios e as doenças de pele, são todas consequências do próprio comportamento humano no seu espaço de convivência, o meio ambiente.

Estudar essa relação entre homem e natureza é exatamente a proposta da psicologia ambiental, que parte dessa definição multidimensional de meio ambiente e estuda a inter-relação entre a pessoa e o seu meio, ou seja, como os indivíduos agem sobre o ambiente e, como esse afeta e modifica o indivíduo. Nessa abordagem a relação, indivíduo-ambiente, é entendida como recíproca e dinâmica tornando seu objeto de estudo tanto o indivíduo quanto seu meio.

Ao tomarmos a definição de sustentabilidade, mas agora ambientada nesse relacionamento entre o ser humano e seu espaço, teremos como implicação a necessidade da criação de estratégias de longo prazo, que tem como objetivo encontrar uma forma de continuar atendendo às demandas atuais e progredindo no desenvolvimento urbano e tecnológico sem comprometer as futuras gerações, ou seja, sem agredir o planeta. A sustentabilidade ambiental se utiliza dos recursos naturais respeitando seus limites, tentando criar uma relação harmônica (sustentável) entre o homem e seu ambiente.

Dessa forma, a temática também se relaciona com a psicologia social que estuda como a sociedade afeta o sujeito, operando em seus comportamentos e subjetividade. O objeto de estudo dessa vertente da psicologia centra-se em tudo aquilo que envolve a

relação do indivíduo com a sociedade, questões como a interação e formação de grupo, a autopercepção do indivíduo e a percepção social são pertinentes a essa área.

O ser humano sempre se relacionou com a natureza. Ele a modifica o seu favor, a fim de suprir suas necessidades, e é modificado por ela, alterando seu comportamento a partir da disponibilidade de espaço e recursos no ambiente. Com o tempo, a intervenção do homem na natureza se intensificou e sem planejamento ou controle estabeleceu-se, uma relação abusiva e conflituosa entre homem e ambiente.

O advento da industrialização, atrelado ao modo de produção capitalista, exige uma maior exploração dos recursos naturais, para além das necessidades humanas; esse processo faz com que se criem novas necessidades e demandas (o *ultraconforto*), que devem ser supridas pelo mercado. O desenvolvimento científico-tecnológico, ao mesmo tempo que impulsionou o progresso econômico, também acelerou a destruição dos recursos naturais e os seus consequentes problemas e ameaças. Dessa forma foi colocada em risco a renovabilidade dos recursos ambientais.

O ser humano passa a enfrentar diversas tensões, que se configuram como preocupantes na vida contemporânea, ameaçando a sua saúde. A partir da década de 1950, tendo como marco inicial a introdução do projeto “Ar Limpo”, 1956, que visava o controle de emissão dos poluentes do ar na Inglaterra, parece se construir uma visão mais clara dessas tensões.

Cresce a percepção de que se caminha para o esgotamento dos recursos naturais indispensáveis para a própria sobrevivência humana.

Essa constatação intensifica movimentos em defesa ao meio ambiente. Nos anos 1960 o ambientalismo se populariza e, nos de 1970 essas questões começam a aparecer no campo governamental. A partir daí se começa a questionar a ideia de equivalência entre avanço industrial e desenvolvimento.

A ideia de desenvolvimento passou a ser discutida e repensada: como avançar tecnológica, econômica e cientificamente sem comprometer o meio ambiente? Com esse questionamento o conceito de sustentabilidade ganha força e visibilidade e, assim a visão sobre a natureza passa a ser repensada e modificada.

De acordo com Kesselring (1992), a natureza não é mais vista como um recurso a ser explorado para satisfazer o homem. Hoje ela começa a ser reconhecida como uma fonte necessária à manutenção da vida, e que, portanto, deve ser respeitada, devendo existir um equilíbrio entre o ser humano e a natureza.

A instauração desses novos valores incentivou diversas ações de caráter global como, por exemplo, a reunião de Copenhague em 2009, a Assembleia do Milênio em 2000, a assinatura de protocolo de Kioto em 1997 e a Eco Rio em 1992. Os encontros, apesar de nem sempre cumprirem com seus objetivos, aproximaram a questão ambiental da pauta de assuntos do cotidiano das pessoas. Assim o pensamento sustentável passou a ser incentivado e ensinado. (CHAGAS; POSSAS, 2002)

A inserção dessa temática como parte do dia-a-dia é fundamental para disseminar essa nova atitude frente à natureza. A superação dos problemas ambientais só acontecerá com mudanças na concepção de mundo, com a conscientização do sujeito social, de maneira a que ele se dê conta do problema, de seus efeitos e de como as suas próprias ações afetam o meio.

Escola e conscientização

Por essas razões é importante incluir a temática da sustentabilidade ambiental nos currículos escolares. De acordo com o sociólogo ambientalista Leff (2011), é impossível solucionar os complexos problemas ambientais sem uma mudança nos sistemas de conhecimento, dos valores e do comportamento.

Nas últimas décadas a educação sustentável, em decorrência dessa nova percepção, adquiriu espaço na pauta dos planos de ensino escolares. As escolas assumiram a função de educar para a cidadania. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), promulgada em 20 de dezembro de 1996, a educação passa a ser pensada de modo a envolver o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, em que cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões.

A LDB define, regulariza e organiza os princípios gerais da educação brasileira, tendo como base os princípios da Constituição de 1988.

Na Constituição está previsto no Capítulo VI, art. 225, inc. VI que cabe ao poder público “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”. Nesse sentido, a educação ambiental e sustentável deve ocupar parte das discussões presentes nos currículos escolares, o que é referendado nos artigos 26 e 32 da LDB.

No mesmo sentido a sustentabilidade ambiental também se insere no Plano Nacional da Educação (PNE 2014-2024), publicado em 2014. O PNE objetiva organizar a política educacional determinando quais serão as estratégias, metas e diretrizes a serem seguidas

nos próximos dez anos E, dentre as diretrizes previstas encontramos a “promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental”. (Art. 2º, inc. X)

Assim é reafirmada a responsabilidade da educação de formar cidadãos conscientes de seus atos e do efeito desses atos. Ao obrigar a presença da educação sustentável no currículo escolar, a educação formal passa a ser pensada como forma de conscientização social. Ela se configura como fundamental para tornar as crianças conscientes de sua responsabilidade com o meio ambiente.

Nesse sentido para o desenvolvimento de um ambiente sustentável a escola se constitui com o instrumento “conscientizador” para a mudança social. A criança será o objeto que esse instrumento visa atingir, e o professor, adquire o papel de mediador entre o processo de conscientização e a criança.

Porém por que inserir a criança como objeto principal a ser atingido nesse processo?

Escola e Criança

Embalada no lema positivista, a criança, desde o século XIX, foi sendo pensada como futura construtora da ordem e do progresso nacional. Foi nessa época, aqui no Brasil, que ela passou a ser pensada como o futuro da nação.

Assim a criança se tornou o centro de atenção, tanto pela estrutura familiar quanto pela pedagógica, surgindo à noção de infância (ARIÈS, 1981).

A criança assume características próprias (comportamento, vestuário, alimentação, etc.) e torna-se objeto de investimentos econômicos, educacionais e afetivos. A ela, é dada uma atenção especial e pouco a pouco se percebe que a criança não possui o mesmo pensamento e lógica de um adulto, necessitando assim de um tratamento diferenciado. Um novo olhar sobre o conceito de criança passa a ser construído.

Durante esse processo de ressignificação da criança, o Iluminismo na Europa orienta a sociedade para a razão, passando assim a ser discutida a necessidade da criança ser educada. É nesse período que o ambiente escolar ganha maior importância, se começa a discutir a importância de inserir a escola na vida da criança, embora essa só se destine a atender uma pequena parcela da sociedade. “A escola deixa de ter a mera função de educar e passa a ser pensada como libertadora da ignorância e do mau caminho” (GHIRALDELLI, 2001).

Com a Revolução Industrial a família teve que ir trabalhar nas fábricas e, portanto, se distanciou das crianças. O papel de educar as crianças passou gradualmente a ser

destinado a terceiros. O acesso à escola vai se estendendo de forma a atingir a uma maior amplitude de camadas sociais e, assim, passa a cada vez mais assumir essa tarefa.

É importante salientar que o processo de popularização da escola se dá de forma gradual e mesmo na época da Revolução Industrial a grande massa das crianças ainda não a frequenta, sendo seu acesso destinado majoritariamente à população de maior poder econômico.

Mesmo quando a escola ganha lugar nas camadas econômicas mais simples ela ainda é reconhecida como a fonte de conhecimento e, por muito tempo ela continua nessa condição. A escola era colocada como responsável por promover informação e ditar o que era correto ou não.

É somente com o advento da globalização e o rápido avanço tecnológico, que o acesso à informação torna-se fácil e rápido, deixando de ser o papel de prover informações, função exclusiva e característica da escola.

A função da escola hoje deixou de ser o de simplesmente passar conteúdos. Ela passou a ocupar o lugar de espaço em que se deve trabalhar na construção de um sujeito autônomo e crítico. O professor deve criar condições para que os alunos se tornem cidadãos que pensem, atuem por si mesmos e tenham a capacidade de se portar criticamente diante das ideias que lhes são apresentadas.

A escola tornou-se a instituição fundamental para a formação do indivíduo e, nesse sentido, o trabalho do professor adquiriu um importante significado social.

Interiorização de conceitos

Para compreender o papel do professor no processo de formação do indivíduo, será utilizado o conceito de mediação presente na perspectiva sócio-histórica de Vygotsky (2007; 2008; 2010).

Dessa forma o professor será o elemento mediador entre a criança e o conhecimento.

Essa abordagem afirma que o sujeito é formado e transformado pelas apropriações de experiências e relações histórica e culturalmente produzidas. É a cultura que se responsabiliza por promover a constituição do sujeito pela internalização dos conceitos difundidos por ela mesma, de maneira em que a mente do homem corresponde ao reflexo de sua realidade sócio-histórica (VYGOTSKY, 2007, 2008, 2010). Dessa forma, estudar o processo de conscientização da criança consiste em analisar o reflexo do mundo externo e como ela interage com essa realidade.

A essa interação entre a realidade externa e o indivíduo se dá o nome de internalização. A maneira como o homem internaliza os conceitos da realidade externa depende de seus processos psicológicos superiores, que também são social e culturalmente desenvolvidos. O indivíduo reconstrói internamente um objeto externo como resultado de um complexo processo organizacional.

A construção da conscientização da criança depende desse processo de internalização dos conceitos que são socialmente transmitidos e se atrela diretamente ao processo de mediação entre ela e o seu objeto externo de conhecimento.

Entre o conhecimento e o objeto existe a mediação. A internalização de um objeto não ocorre de maneira direta, entre o sujeito e o objeto, entre eles está um processo de mediação que é dada por meio de instrumentos e signos, possibilitando que o indivíduo organize o objeto externo e construa sua própria representação do real.

Existem duas formas de medição: instrumentos e signos. Essas formas se diferem, sendo os instrumentos orientados para uma direção externa ao indivíduo, de forma a exercer controle sobre o meio e causar alguma modificação ambiental; e os signos serem atuantes na perspectiva interna do sujeito, auxiliando-o em suas atividades psíquicas. (VYGOTSKY, 2007).

Para Vygotsky o uso da linguagem se configura como a principal forma de mediação, já que além de atuar na construção de representações de mundo ela permite o contato social com as outras pessoas de modo preciso. Sendo característico da criança, a interação com parceiros diversos em diferentes situações (OLIVEIRA, 2000) a linguagem ganha ainda maior representatividade nessa pesquisa.

A palavra (signo) carrega consigo conteúdo de sentido ideológico, ela se configura como a revelação dos valores de uma sociedade e possui uma base afetivo-volitiva, ou seja, por trás dela há um subtexto. O locutor atribui sentido a palavra tendo como base seus próprios desejos, necessidades, interesses e emoções. Esse sentido, contido nas palavras, se interioriza na criança, sendo assim, a forma em que a temática sustentabilidade é tratada pelo professor importa para determinar como a criança enxergará esse assunto.

Vygotsky (2007, 2008, 2010), também afirma que durante esse processo de interiorização da realidade externa toda função aparece duas vezes: a primeira no nível social que está externo ao indivíduo (processo interpessoal), e, depois, no nível individual. A função passa por uma evolução complexa envolvendo uma série de eventos psíquicos, é reconstruída e passa a ocorrer internamente (processo intrapessoal). Todas as funções superiores têm origem nas relações sociais dos indivíduos (VYGOTSKY, 2007) para depois adquirirem um sentido único e pessoal.

Assim, a construção dos conceitos científicos da criança depende muito de seu meio social, e como a escola é o principal meio de convivência da criança, essa construção está diretamente atrelada ao processo de mediação dos professores, sendo importante, no caso, entender quais são os valores atribuídos à temática sustentabilidade, quais palavras a ela se associam, e como esta apreende esse discurso e o experimenta em sua consciência.

O brincar

A brincadeira como meio de aprendizagem é discutida e apoiada por Vygotsky (2007, 2008, 2010), que acredita que muito se aprende através de brincadeiras e que, portanto, elas são essenciais em todo o processo do desenvolvimento infantil. A criança ao brincar muitas vezes entra em contato com conteúdos de nível cognitivo superiores aos destinados para a sua respectiva idade, já que a brincadeira permite que ela vá além do comportamento costumeiro, que ela vá além do que está acostumada e isso desperta novos conteúdos que serão de grande importância para o desenvolvimento.

Durante o brincar, ela se solta e se permite mais, vai além do comportamento habitual para sua idade e de suas atitudes diárias. Ela se torna maior do que realmente é na realidade. Assim, o brincar vai despertar aprendizagens que se desenvolverão e se tornarão parte das funções psicológicas consolidadas do indivíduo.

Brincar envolve aprender. Ao brincar a criança é capaz de se expressar, interagir com outras pessoas, compreender e ressignificar o ambiente ao criar situações imaginárias, sendo assim a atividade facilita o aprendizado e estimula a criatividade, ou seja, ela é fundamental para o desenvolvimento – construção do conhecimento.

As brincadeiras envolvem a forma como a criança capta o ambiente, nelas a criança representa um determinado papel e relações do mundo adulto que tem como base suas vivências, ou seja, os papéis que elas representam estão subordinados a determinadas regras sociais e culturais. Segundo Vygotsky (2007), ao brincar a criança cria uma situação imaginária na qual assume um papel, esse papel geralmente se dá pela imitação de alguma situação vivenciada pela criança, assim o comportamento exercido pela criança carrega diversas regras de comportamento que foram social e culturalmente construídas.

Na imitação do comportamento adulto a criança internaliza diversas regras e valores sociais que são necessários para a convivência coletiva. No decorrer de seu desenvolvimento os papéis que anteriormente se constituíram essencialmente por imitação foram reinterpretados e recombinaados. Dessa maneira a brincadeira ajuda a compreender o ambiente e ao mesmo tempo coloca a criança como um sujeito ativo na construção de um mundo, do seu próprio espaço.

Ao mesmo tempo em que brincar se caracteriza como uma atividade prazerosa, a atividade está subordinada a regras. A criança então deve aprender a segui-las deixando sua impulsividade e egocentrismo de lado e passando a reconhecer o outro e renunciar ou adiar alguns dos seus desejos em prol da continuidade da brincadeira.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, que tem como visa um primeiro contato com o tema: o ensino de sustentabilidade ambiental em escolas municipais de educação infantil (EMEI). Para realizá-la onze escolas foram contatadas, no entanto nove recusaram fazer parte da amostra de pesquisa, sendo que duas delas declararam não ter nenhum projeto relacionado a sustentabilidade ambiental; 3 afirmaram estar trabalhando no desenvolvimento de uma estratégia para trabalhar a temática; e quatro não deram explicações.

Com as duas escolas que aceitaram fazer parte da pesquisa, foi realizada uma entrevistas semiestruturada com a coordenadora pedagógica de cada EMEI. As coordenadoras foram questionadas sobre a importância de falar sobre sustentabilidade ambiental com crianças na escola; sobre a forma como ele aborda essa temática; quais instrumentos ele faz uso; se ele acha que o conteúdo é transmitido de maneira efetiva; e se há críticas referentes à abordagem do tema feita pela escola. Por se tratar de uma entrevista semiestruturada, algumas perguntas foram adicionadas de acordo com as respostas dadas.

Ambas as escolas contavam com um ambiente extenso, que continha trabalhos dos alunos expostos pelas paredes, o ambiente era bem colorido e chamava atenção; as salas de aula era organizadas em círculo permitindo a interação desses estudantes; e uma delas ficava localizada em frente a uma praça, onde os estudantes iam para fazer trabalhos e exercícios ao ar livre.

As coordenadoras se mostraram bem receptivas e interessadas na pesquisa, porém a segunda parecia estar mais apressada para responder as perguntas e finalizar a entrevista, enquanto a primeira se mostrou mais envolvida com a pesquisa querendo conversar e contar com mais detalhes sobre o funcionamento da escola.

Por meio dessas entrevistas foi possível entender como a escola se propõe a lidar com a temática "sustentabilidade ambiental" e se as expectativas vêm sido atendidas. O discurso, ou seja, a linguagem viva, também foi analisada a fim de entender como o coordenador se relaciona com essa temática e o que possivelmente é transmitido para a criança a partir desse discurso.

DISCUSSÃO:

A escola e o desenvolvimento da criança:

Os colégios de ensino infantil (EMEI), cuidam da educação de crianças de 3 a 6 anos de idade que, segundo Piaget, se encontram no estágio de desenvolvimento pré-operatório.

Esse período se caracteriza pela aquisição da capacidade de se trabalhar com representações simbólicas. É nesse período também que a linguagem começa a se desenvolver, possibilitando relações interindividuais.

A criança nessa idade, porém, ainda é centrada em si mesma, tendo o egocentrismo como uma de suas características, assim ela não consegue se colocar, abstratamente, no lugar do outro.

Outra característica é a descrença na possibilidade de acasos, para a criança deste estágio tudo deve ter uma explicação.

Quando se trata do desenvolvimento e educação infantil, todas essas informações se tornam relevantes para entender e planejar formas de como as escolas podem atuar na criança.

Nas EMEIs entrevistadas as turmas tinham em média 35 crianças matriculadas, sendo essas crianças organizadas em uma sala com 9 mesas, ou seja, 4 crianças para cada mesa. As mesas são coletivas e o centro da sala fica livre para que rodas de conversa sejam realizadas.

A intenção das escolas com isso é priorizar a interação entre as crianças, aproveitando esse período de desenvolvimento em que a criança desenvolve relacionamentos interpessoais. A escola atua visando desenvolver o olhar para o outro, reconhecendo este como seu semelhante e conseqüentemente, nessas relações, desenvolver a linguagem.

RESULTADOS E ANÁLISE:

As entrevistas foram organizadas em eixos temáticos, visando dessa forma a percepção de seus pontos principais. Esses eixos foram identificados a partir da escuta das entrevistas e foram reconhecidos os assuntos em comum que esses relatos abordaram e se estruturaram.

As entrevistas seguiram um roteiro de perguntas prévio, mas não determinante, sendo outras perguntas formuladas ao decorrer da entrevista, visando um entendimento mais completo do processo educacional da criança. Porém, vale ressaltar, que ambas as

entrevistas se desenvolveram da mesma forma, ou seja, a primeira entrevista utilizou os mesmos eixos temáticos que a segunda.

Os eixos temáticos tratados foram:

1) Influência do professor no desenvolvimento cognitivo da criança

Na primeira EMEI (M.L), a orientadora (P.L) concordou com a interferência do professor na aprendizagem da criança. Ela declara que o professor interfere e medeia a aprendizagem e deve, portanto, ter uma postura ímpar, estando preparado para lidar com todas as diferenças entre os alunos, principalmente as diferenças quanto à educação informal, proveniente do ambiente doméstico da criança.

O professor deve funcionar como modelo para a criança, sabendo utilizar as palavras de maneira adequada e fazendo as intervenções necessárias.

A orientadora pedagógica da outra EMEI (M.I), B.F, foi mais breve em seu relato, porém declarou as mesmas coisas que a outra orientadora: o professor funciona como modelo e o que ele ensina é levado para casa.

2) Escola e família da criança

Ambas as entrevistadas discutem a importância de estabelecer um diálogo com os pais dos alunos. Antes da criança ingressar nas duas escolas é realizada uma anamnese com os pais, a fim de entender em que contexto, de que forma e em qual concepção essa criança foi educada. Nesse mesmo primeiro contato a escola conta sobre sua concepção de educação, revelando a linha mestra que utilizará para educar as crianças.

Além desse primeiro contato, as escolas dão importância à continuidade desse diálogo com a família, assim as escolas também contam com reuniões de caráter informativo, visando um trabalho em conjunto com a família, já que muitas vezes há confronto entre as ideias defendidas pela escola e as defendidas pela família, pela disparidade dos princípios defendidos por ambas.

Esse confronto, segundo a coordenadora da EMEI M.L, ocorre principalmente quando se trata do convívio em sociedade e de questões que envolvem esse coletivo como, por exemplo, a divisão de brinquedos, a escuta dos colegas em atividades em grupo e o cumprimento de limites e regras.

Na EMEI M.I, a autonomia foi acusada como principal origem do conflito. Enquanto a escola tem, como linha de base incentivar a autonomia da criança, os pais muitas vezes justificam as atitudes ou assumem as responsabilidades delas. A coordenadora acredita que essa autonomia traria maior segurança e liberdade de escolha para a criança, de forma que ela entenda o que pode fazer e as consequências de cada ação, porém, de acordo com a

coordenadora, os pais acreditam que os seus filhos ainda não estão preparados para tanta responsabilidade.

Além desses, o conflito entre o que ensinado pela escola e pela família da criança também engloba a questão do consumo. Enquanto a escola trabalha para que a criança entenda suas necessidades, o que precisa e o quanto precisa, a família tende a exaltar o consumo, a compra de objetos para além da necessidade.

3) Importância de falar sobre sustentabilidade ambiental com crianças

A coordenadora da EMEI M.L declara: "desde antes de nascer a criança já é um consumidor, a criança tem tudo preparado para ela, o quarto, as roupas, os brinquedos [...]", e, é por conta desse incentivo ao consumo que todo o sujeito deve ser educado para a sustentabilidade ambiental desde o início da vida.

O questionamento do que e porquê se consome envolve questões desde a exploração de materiais para a confecção desses produtos até o descarte deles e a relação com o outro.

Ambas as EMEIs trabalham com o cotidiano da criança, envolvendo ações como o quanto de cola e papel utilizar, apagar a luz quando sair da sala, fechar a torneira enquanto se escova os dentes, entre outras. Dessa forma as escolas visam aproximar questões de esfera global do cotidiano da criança.

A escola também trabalha com a criação e confecção de brinquedos e materiais. Acredita que dessa forma a criança entende sua possibilidade de atuação e interferência no mundo, entende que as coisas não estão prontas, que elas envolvem um processo e incentiva a criatividade e a simbolização.

4) Estratégias de abordagem

A EMEI M.L busca sempre trazer algum elemento provocador para ser discutido com as crianças. Esse elemento pode ser uma situação problema, um filme, música ou pintura. Toda a proposta é trabalhada no eixo do brincar e sempre se busca escutar a criança, visando que ela seja a protagonista da sala.

Como exemplo a coordenadora descreveu o trabalho dos alunos a partir da apresentação das telas do artista plástico carioca Ivan Cruz, que mostrava brinquedos feitos com sucata. A partir do conhecimento dessas telas as crianças construíram os seus próprios brinquedos. Essa atividade exemplifica a iniciativa da escola de tornar a criança sujeito ativo

e construtor no mundo, além de trabalhar com o jogo simbólico e com o universo cotidiano da criança para repensar o uso de objetos.

A EMEI M.I, além de buscar sempre trazer um elemento provocador de caráter diverso e contar com a mesma ideia de tornar a criança protagonista, possui uma área verde, assim pode desenvolver atividades na natureza. A escola possui uma horta e conta com atividades de jardinagem.

A coordenadora pedagógica dessa escola declara que o ambiente em que a criança está inserida é muito importante para determinar o comportamento dela. "Se a criança está em um ambiente sujo e mal cuidado, ela tende a sujar e descuidar desse ambiente. Ela é estimulada a fazer o que está vendo". A partir desse entendimento o ambiente escolar deve funcionar como modelo.

5) Mudanças na educação sustentável

Durante os anos a forma de trabalhar a sustentabilidade nas escolas se modificou, a coordenadora da EMEI M.L relata que a discussão acerca do tema sempre ocorreu, mas se intensificou há dois anos. A coordenadora trabalha na escola há cinco anos e afirma que desde o começo a temática sempre constou no plano de ensino dos professores. Acrescenta que a necessidade de abordar o tema de maneira mais árdua vem da exaltação do consumo, que vem afetando os valores das crianças.

A coordenadora da EMEI M.I trabalha em escolas há mais tempo, cerca de 10 anos e declara que nessa época quase não se falava de sustentabilidade, e o tema era frequentemente igualado à reciclagem. Hoje em dia, afirma que tudo ficou mais fácil, que hoje existe maior disponibilidade de materiais para se trabalhar. O ensino sobre a sustentabilidade vem se intensificado à medida que se desenvolvem formas de lidar com ele.

6) Compreensão das atividades pelas crianças:

No engajamento das atividades propostas pelos professores a coordenadora da EMEI M.L a caracteriza como ativa e participativa, principalmente quando as atividades se relacionam com brincadeiras " se as atividades são brincadeiras, a criança não rejeita, então a nossa linha é sempre o brincar". Além de se engajar a criança mostra entender o conteúdo da atividade e demonstrar essa compreensão no dia-a-dia: "a criança passa a discordar e denunciar as atitudes dos pais, como jogar lixo na rua. Essas atitudes passam a incomodar a criança."

A coordenadora entende que o assunto deve ser sempre abordado com a criança, todos os dias elas devem ser orientadas, para que assim seja sensibilizada e perceba que o seu ambiente não se restringe ao seu espaço privado e deve ser cuidado e respeitado em sua totalidade.

Numa mesma linha, a coordenadora da M.I declara que não há nenhuma rejeição pelas crianças e reforça a sensação de incômodo que elas passam a sentir quando vivenciam atitudes não sustentáveis, ela acrescenta que os pais notam essas diferenças e falam sobre elas durante as reuniões.

7) Críticas:

No que se refere às críticas frente ao ensino de sustentabilidade, a coordenadora da EMEI M.L, se abstém. Somente diz que a escola deve fazer acontecer, deve falar um pouco sobre o tema todo dia e relacioná-lo a situações cotidianas.

Já a coordenadora da EMEI M.I critica a falta de investimento relacionada às ações da escola. Afirma que existem vários grupos que tentam implantar projetos na escola, mas que não há investimento: "as ideias aparecem, mas não tem continuidade [...] a escola precisa de verba ou governamental ou de parceiros".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da concepção do papel social da escola e da teoria de formação social da mente de Vygotsky, percebe-se pela análise das entrevistas como a instituição trabalha para o desenvolvimento da conscientização sustentável na criança.

O desenvolvimento da conscientização sustentável deve, assim como qualquer objeto, ser compreendido por meio de uma construção. A criança deve interiorizar esse objeto para aprendê-lo, ou seja, ela deve formar a sua própria percepção a respeito do tema. Esse processo de interiorização envolve um terceiro elemento, o mediador que no caso é o professor, ele utiliza de instrumentos e signos para que esse objeto passe a se inserir como parte do cotidiano da criança.

Ambas as coordenadoras entrevistadas defenderam a importância do papel do professor como mediador do conhecimento, para elas o professor deve funcionar como modelo para a criança. Sua postura interfere em como a criança assimilará os objetos de conhecimento, por isso o professor deve deter uma postura ímpar e incentivar uma relação harmoniosa com o outro na busca da construção do reconhecimento e respeito no relacionamento com terceiros.

O processo de aprendizagem de um determinado conceito se dá a partir do relacionamento entre a realidade externa do indivíduo com o objeto a ser apreendido, assim o ambiente em que a criança é submetida deve aproximar esse objeto, tornando-o presente no cotidiano da criança, para que ele seja por ela reconhecido e, então, possa ser assimilado e reproduzido.

Quando o objeto a ser apreendido se trata do conceito de sustentabilidade ambiental, as coordenadoras entrevistadas defenderam que esse mediador deveria utilizar instrumentos que se relacionem com o dia a dia da criança. Então ele deve fazer uso de filmes ou histórias, por exemplo, cujo conteúdo se aproxime de uma situação rotineira da vida da criança, para que assim ela possa visualizar o conteúdo da história em ações práticas do dia a dia como economizar água ao tomar banho ou escovar os dentes.

Essas atividades propostas pelos professores, geralmente envolvem uma parte prática que é reconhecida pelas escolas como um dos pontos-chave. A parte prática permite que a criança vivencie o conceito, assim a criança o assimila mais facilmente, não o recusa.

Um exemplo desse trabalho prático é a construção de brinquedos a partir da reutilização de materiais que seriam descartados. Com essas atividades as EMEIs acreditam trabalhar no desenvolvimento da ideia de que a criança pode interferir no mundo. De forma que, apesar de mergulhada em um mundo consumista, esse tipo de atividade demonstra, de forma prática, que as coisas não vêm prontas para o consumo, mas que envolvem um processo de construção.

A forma com que essas atividades são relacionadas a brincadeiras é fundamental para a interiorização dos conceitos pela criança. Ao brincar a criança assimila e ressignifica diversos conceitos que foram apresentados de forma a favorecer a interiorização desses e a construção de conhecimento. Além disso, a criança que frequenta o ensino infantil está no período em que a aquisição da capacidade de trabalhar com representações simbólicas é fundamental, e as brincadeiras também auxiliam nesse processo, já que envolvem essa habilidade.

Vale ressaltar que processo de interiorização de um objeto de conhecimento é gradual, o reconhecimento desse não se dá de uma hora para outra, assim os conceitos devem ser trabalhados todos os dias. A coordenadora da EMEI M.L reforça, afirmando que a temática da sustentabilidade ambiental não deve ser trabalhada só no ensino infantil, mas em todas as etapas de aprendizagem da criança, para que assim ela seja sensibilizada e reconheça o conceito como intrínseco ao seu cotidiano.

Percebemos também que o conceito de sustentabilidade ambiental é desenvolvido a partir do reconhecimento e respeito do outro e do mundo como espaço coletivo. Ao perceber

que toda a atividade cotidiana não envolve somente o que é visível e imediato, mas todo um processo anterior e posterior que abrange determinados recursos e indivíduos, o sujeito deixa de viver em um universo privado restrito à sua individualidade, e a partir desse reconhecimento é que se pode desenvolver o respeito a esse outro, ao diferente de mim. Sustentabilidade ambiental, nada mais é do que respeitar esse outro, entendendo os seus limites e necessidades.

É importante salientar que a presente pesquisa se baseou exclusivamente no ponto de vista de duas coordenadoras, dessa forma não é possível afirmar com certeza sobre como as escolas municipais de ensino infantil de São Paulo trabalham com a temática sustentabilidade ambiental. Fica o desafio futuro, pessoal e de outros pesquisadores, de ampliarem a pesquisa e generalizar seus resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC (Livros Técnicos e Científicos). 1981.

BRASIL. *Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional*. 1996

BRASIL. *Plano Nacional da Educação*. 2014

CHAGAS, M. A. (Org) ; POSSAS, A. R. O. C. . História da Defesa do Meio Ambiente. In: Marco Antonio Chagas. (Org.). *Sustentabilidade e Gestão Ambiental no Amapá: saberes tucujus*. 1ed. Macapá: SEMA, 2002, v. 01, p. 56-67

GHIRALDELLI, P. *As concepções de infância e as teorias educacionais modernas e contemporâneas*. Revista do Programa Alfabetização Solidária. São Paulo: Unimarco, v.1, n.1, p.77-92, jul./dez. 2001.

KESSELRING, T. *O conceito de natureza na história do pensamento ocidental*. Ciência e Ambiente, Santa Maria, v. 3, n. 5, p. 19-39, jul. /dez. 1992.

LEFF, E. *Saber ambiental*. 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

MONROE, C. *Vygotsky e o conceito de aprendizagem mediada*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/vygotsky-conceito-aprendizagem-mediada-636187.shtml?page=1>>. Acesso em: 01/04/2016

OLIVEIRA, Z.M.R. *A criança e seu desenvolvimento: Perspectiva para se discutir a educação infantil*. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

PIAGET, J; INHELDER, B. *Da Lógica da Criança a Lógica do Adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais*. São Paulo: Pioneira. 1976

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente*, Estocolmo/Suécia, 1972.

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Pensamento e Linguagem*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Psicologia pedagógica*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Contatos: laura.mortari@hotmail.com; rinaldo.molina@mackenzie.br